



## DOCÊNCIA, PESQUISA E EXPERIÊNCIA CONSTRUÍDA: GRUPO DE PESQUISA "MÃES DO F3P-EFICE" DA ESEFID/UFRGS

III Simpósio Brasileiro sobre Maternidade e Ciência, 3ª edição, de 06/12/2021 a 10/12/2021  
ISBN dos Anais: 978-65-81152-32-1

**TERRAGNO; Tatiana Martins <sup>1</sup>, SILVA; LISANDRA OLIVEIRA E <sup>2</sup>, BINS; Gabriela Nobre <sup>3</sup>, DIEHL; Vera Regina Oliveira <sup>4</sup>, KUHN; Simone Santos <sup>5</sup>, SILVA; Caroline Maciel da <sup>6</sup>, TAVARES; Natacha da Silva <sup>7</sup>**

### RESUMO

#### CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

Este resumo objetiva relatar a experiência construída e as atividades de docência e de pesquisa de um Coletivo de professoras de Educação Física (da Educação Básica e do Ensino Superior da cidade de Porto Alegre/RS e região metropolitana), pesquisadoras, mulheres e mães, que, desde 2018, vem procurando compreender as relações entre maternidade, docência e Educação Física.

Destacamos que integramos um coletivo maior, denominado "Grupo de Estudos Qualitativos Formação de Professores e Prática Pedagógica em Educação Física e Ciências do Esporte" (F3P-EFICE), da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O F3P-EFICE é constituído, por aproximadamente, 24 pessoas, 16 mulheres e 08 homens, que são estudantes de Graduação e de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado), docentes e pesquisadoras e pesquisadores da Educação Básica e do Ensino Superior. Desse coletivo, 08 mulheres são mães e 07 delas integram o Coletivo que denominamos "Mães do F3P-EFICE". Este último coletivo foi se constituindo gradativamente e, inicialmente, por, mulheres-mães-docentes-pesquisadoras integrantes do primeiro.

No ano de 2019, por ocasião do trabalho autoetnográfico de doutoramento de uma das mães do Coletivo, realizamos 02 grupos de discussão com 09 mães, que eram docentes de Educação Física na Educação Básica e no Ensino Superior (BINS; SILVA, 2019)[1], e, uma das categorias da Tese de Bins (2020)[2] abordou a maternidade e os modos de viver essa experiência que impactam na docência em Educação Física.

É possível dizer que esse Coletivo de 07 mulheres-mães-docentes-pesquisadoras teve sua relação constituída a partir de setembro de 2020, quando criamos um grupo de *whatsapp*, em plena pandemia do COVID-19. A criação do grupo virtual tomou rumos que fortaleceram os laços acadêmicos, afetivos e coletivos. De lá pra cá, conversamos, discutimos, trocamos experiências diversas, estudamos e, desde março de 2021 estamos nos reunindo quinzenalmente, de modo virtual, para tratarmos assuntos referentes a temática da maternidade e da docência em Educação Física como foco de pesquisa e de produção de conhecimento.

Ao analisarmos as produções acadêmicas do Grupo de Pesquisa F3P-EFICE da ESEFID/UFRGS, entre os anos de 1996 e 2020, em 12 teses e 37 dissertações, evidenciamos que apesar da categoria/temática da maternidade e docência estar presente em 26 dos 49 trabalhos

<sup>1</sup> UFRGS, tatiterragno@gmail.com

<sup>2</sup> UFRGS, lisgba@yahoo.com.br

<sup>3</sup> SMED/POA, ganobre@hotmail.com

<sup>4</sup> SMED/POA, veradielh13@gmail.com

<sup>5</sup> Prefeitura Municipal de Gravataí, simonesantostk@gmail.com

<sup>6</sup> Prefeitura Municipal de Canoas, carolinemaciel78@gmail.com

<sup>7</sup> Prefeitura Municipal de Viamão, tachatavares@gmail.com

analisados, esta não obteve centralidade nas análises e nas discussões das pesquisas. A partir disso, realizamos buscas no Banco de Teses e de Dissertações da Coordenação de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e nos periódicos nacionais da área de conhecimento da Educação Física, com *Web Qualis* A2, B1, B2, e B3 para a área 21 da CAPES, com os descritores maternidade e Educação Física e encontramos somente 01 tese e 01 artigo, publicados entre os anos de 2015 e 2020. Essa constatação nos leva a crer da urgência e da necessidade de pesquisar esse tema em nossa área de trabalho e de formação.

## **DOCÊNCIA EM EDUCAÇÃO FÍSICA: O QUE A MATERNIDADE TEM A VER COM ISSO?**

O processo histórico de representações sobre a mulher e suas funções na sociedade teve forte influência na criação dos estereótipos que marcaram o ingresso da mulher na carreira docente. O magistério era visto como uma extensão do lar, lecionar seria um prolongamento da educação das/os filhas/os. "O magistério seria então, um espaço onde a mulher colocaria em prática dons que socialmente acreditava-se serem inatos e indispensáveis para o exercício docente: a paciência, o cuidado, a sensibilidade, o educar" (ARAGÃO; KREUTZ, 2010, p. 13)[3]. De acordo com Costa e Barbosa (2006)[4],

uma pesquisa feita por Luiz Pereira em 1964 constata que 93,4% das 289.865 pessoas filiadas ao magistério no Brasil eram mulheres e 92,5% dos próprios professores consideram esta atividade realmente mais adequada às mulheres usando o argumento de que o instinto maternal traz maior dose de certas aptidões, tais como: carinho, amor, docilidade, compreensão, paciência, abnegação, comunicabilidade, meiguice, dedicação, etc. Além disso, afirmaram que esta ocupação deve ser mais feminina, pois o sistema de ensino tem salários baixos, poucas horas de trabalho diário e prestígio ocupacional insatisfatório [...] (p. 4).

Corroboramos os argumentos dessas autoras e desses autores e a importância da crítica a essa construção da docência ligada à figura materna. Porém, acreditamos que, com o intuito de combater o pensamento machista e patriarcal de nossa sociedade – que relega a maternidade a um papel de subalternidade de forma romantizada – acabamos construindo um discurso de profissionalização docente, e, muitas vezes, acreditamos que interligar a docência à maternidade só poderia ser feito de forma pejorativa.

O que queremos problematizar neste momento e que tem sido foco de reflexão em nosso Coletivo trata de compreender que maternidades podemos conectar com a docência, uma vez que somos seres humanos unos, ou seja, "[...] o sujeito que participa do mundo do trabalho é o mesmo que tem uma vida pessoal" (SILVA, 2012, p. 153)[5]. Além disso, no caso de diversas professoras mães que pesquisamos, a maternidade teve reflexos diretos na docência e no modo de pensar sobre ela. Compreendemos a docência uma forma peculiar de trabalho sobre o humano, que acontece na interação humana. Nesse sentido, entendemos que essa particularidade de trabalhar sobre e com seres humanos reverbera sobre a forma de docência, as identidades, os conhecimentos e as experiências profissionais (TARDIF; LESSARD, 2007)[6].

Bezerra (2017)[7] nos questiona sobre como vivemos nossas maternidades? E, pergunta: por que não conseguimos vivê-la de forma coletiva? A autora nos ajuda a pensar essas questões quando discute o provérbio africano que diz: "é preciso uma aldeia inteira para educar uma criança". Segundo a autora,

o provérbio acima apresentado pode parecer simples, entretanto, requer um exercício reflexivo extenso. Primeiramente, o que dificulta pensarmos por este viés como me sugerido pelo dito é que aqui em nossa sociedade construída com suas bases no sistema capitalista que exalta o indivíduo e estimula a individualidade, o egocentrismo e a ideologia do mérito, perdeu-se a noção de

<sup>1</sup> UFRGS, tatiterragno@gmail.com

<sup>2</sup> UFRGS, lisgba@yahoo.com.br

<sup>3</sup> SMED/POA, ganobre@hotmail.com

<sup>4</sup> SMED/POA, veradielh13@gmail.com

<sup>5</sup> Prefeitura Municipal de Gravataí, simonesantok@gmail.com

<sup>6</sup> Prefeitura Municipal de Canoas, carolinemaciel78@gmail.com

<sup>7</sup> Prefeitura Municipal de Viamão, tachatavares@gmail.com

Nem sempre conseguimos viver nessa noção de comunidade, especialmente em nosso trabalho. Cada vez mais estamos sós, cada uma e cada um cuidando da sua própria vida, no seu próprio espaço. E, na escola não é diferente. Acabamos planejando e fazendo nossas práticas pedagógicas, em grande parte, de forma solitária e individualista. O trabalho docente e os projetos coletivos no interior da escola, ou seja, a “educação feita por uma aldeia inteira”, ainda é algo raro e a ser construído.

Destacamos que há mais de 20 anos realizamos pesquisas na Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre (RMEPOA), e, desde essa realidade, percebemos que a docência em Educação Física, está pautada em determinado gênero. A saber, no ano de 2005, o coletivo docente de Educação Física da RMEPOA era composto por 215 docentes, sendo 136 mulheres e 79 homens. Além disso, das 51 escolas municipais de Ensino Fundamental, 10 possuíam o coletivo docente de Educação Física formado somente por mulheres, sendo 3 escolas localizadas na zona sul da cidade de Porto Alegre/RS, 2 na zona oeste, 1 na zona leste e as outras 4 são escolas especiais. A presença da mulher no campo da Educação não é novidade, uma vez que a Educação Infantil e o Ensino Fundamental, sobretudo nos Anos Iniciais, são fortemente marcados pela presença das mulheres professoras.

A maternidade e a docência em Educação Física, desperta nosso interesse e nos desafia a querer compreender os significados, os sentidos, as representações que nós mães construímos sobre nossas multiplicidades de experiências construídas. E, nesse sentido, percebemos que essas experiências, como mães e docentes, e as diversas formas de opressão contra as mulheres, do mesmo modo, nos acompanham nas escolas e universidades que trabalhamos, e, assim, os elementos estruturantes da cultura corporal do movimento (BRACHT, 1996)[8] também precisam dar conta dessas questões na sala de aula.

Diante do exposto, apresentado até o momento, destacamos que, mesmo diante de um elevado percentual de professoras-mães que trabalham com a Educação Física nas escolas e universidades, o tema tem sido tratado com coadjuvância nas pesquisas nessa área de conhecimento, não recebendo a atenção merecida e necessária.

## CONSIDERAÇÕES TRANSITÓRIAS

Gostaríamos de finalizar as reflexões propostas nesse resumo, apresentando as aprendizagens que temos percebido que, estar em um Coletivo que estuda e experiencia a maternidade, tem nos proporcionado. E como estamos relacionando essas experiências construídas com a docência que exercemos nas escolas e universidades.

As principais aprendizagens que viemos construindo trata de uma ampliação do olhar para além de nós. Ou seja, apesar da experiência do maternar, que pode ser vivida por um grupo de mulheres e, inclusive, ter elementos que as aproximam, possui um par de outros elementos que as diferenciam. Isso nos fez perceber que não é possível falarmos de maternidade, e sim, maternidades, pois essa condição/experiência é vivida de muitas formas, a partir de diversas condições sociais, econômicas, culturais, afetivas, o que faz com que cada experiência seja única, apesar de múltipla.

Além disso, viver nossas maternidades em um Coletivo amplia nossa relação com as demais mães que encontramos no caminho e em nosso trabalho. Percebemos que empatizamos com estudantes, colegas, mulheres que são mães, porque sabemos, literalmente na carne, no corpo e na mente, a luta que é ter uma criança que depende da gente nessa vida.

Assim, estamos nos percebendo em um espaço-tempo, que viemos denominando de “eu coletivo”, como “professoras e mães” e entre “professoras-mães”. Isso nos provoca uma inquietação e o desejo de pesquisar, de modo aprofundado, os processos pelos quais temos nos

<sup>1</sup> UFRGS, tatiterragno@gmail.com

<sup>2</sup> UFRGS, lisgba@yahoo.com.br

<sup>3</sup> SMED/POA, ganobre@hotmail.com

<sup>4</sup> SMED/POA, veradiehl13@gmail.com

<sup>5</sup> Prefeitura Municipal de Gravataí, simonesantostk@gmail.com

<sup>6</sup> Prefeitura Municipal de Canoas, carolinemaciel78@gmail.com

<sup>7</sup> Prefeitura Municipal de Viamão, tachatavares@gmail.com

constituído. Como nosso contexto de vida e de trabalho são marcados pelas estruturas de dominação do capitalismo e do patriarcado, estar em um Coletivo nos impulsiona a ousar, mesmo ciente dos desafios, nos possibilitando criar brechas para continuar estudando, trabalhando e pesquisando, “apesar de sermos mães”. Destacamos que foi na trajetória de estudos com o Coletivo que começamos a reconhecer que a ofensiva contra as mulheres não representa apenas uma “dominação masculinista descomplexificada, e sim, uma manifestação da violência destruidora suscitada pelo capitalismo”, desenhada com base no patriarcado e sob ideias conservadoras de gênero (BEZERRA, 2019)[9]. Isso porque, juntos, o capitalismo e o patriarcado, como estruturas de dominação, têm ajudado a “substituir a comunidade da família por uma unidade autocrática e mais privativa, contribuindo para aumentar a possibilidade de abusos de poder” (HOOKS, 2020)[10]. A partir disso que, sentimos que temos para quem dar as mãos, ou seja, não estamos, andamos ou sonhamos só. Por não estarmos sozinhas, aprendemos a romper com certas generalizações de comportamentos e compreensões e vamos nos dando conta de que “mãe não é tudo igual”, pois cada uma de nós é atravessada pelos determinantes de classe, raça e gênero e, ainda, cada uma vive a “maternidade possível” a partir de seu contexto social e cultural.

Outra aprendizagem que construímos tem a ver com o respeito. O Coletivo nos ensina, a todo momento, a respeitar nossos limites. Escrever de modo coletivo, por exemplo, não é tarefa fácil, pois cada uma de nós possui um ritmo, um estilo e um tempo que dedica para isso. Conciliar a pesquisa e assumir o que significa estar em um Coletivo, de forma que respeite a individualidade, e, do mesmo modo, a coletividade, é um processo de aprendizagem, contudo de desafio constante. Estarmos juntas reforça o entendimento da necessidade de construirmos e nos movermos “em rede”. Refletir sobre as maternidades possíveis e levar essa reflexão para os lugares e junto das pessoas com as quais trabalhamos e convivemos cotidianamente, tem sido parte de nossa luta.

Para finalizar, destacamos que, participar de Grupo de Pesquisa, com mulheres, mães, pesquisadoras e professoras de Educação Física, têm nos auxiliado a compreender as experiências maternas simultâneas às docências em Educação Física. Tudo isso, diante dos dilemas que se apresentam em nossas vidas no âmbito privado. O diálogo constante nos permite perceber que as questões que nos atravessam não são apenas pessoais/individuais, e que, não tratam de incapacidade ou de inabilidade para dar conta de estar em determinados ambientes profissionais e acadêmicos, que nos convocam a conciliar trabalho e maternidade, mas sim, de conhecer, viver e significar as diversas experiências de maternidades construídas.

## REFERÊNCIAS

1 BINS, Gabriela Nobre; SILVA, Lisandra Oliveira. Maternidade e docência: tecendo fios da vida. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO SOBRE MATERNIDADE E CIÊNCIA, 2, 2019, Porto Alegre. **Anais**. Porto Alegre. Disponível em: <<https://doity.com.br/anais/simposiobrasileiromaternidadeeciencia/trabalho/85597>>. Acesso em: 03 jun. 2021.

2 BINS, Gabriela Nobre. 2020. **Tecendo saberes, tramando a vida** - a Educação Física e a Pedagogia Grêo: uma experiência autoetnográfica de uma professora de educação física na RME POA. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano), Escola de Educação Física, Universidade de Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020. Disponível em: <[https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=10239743](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=10239743)>. Acesso em: 04 jul. 2021.

3 ARAGÃO, Milena; KREUTZ, Lúcio. A docência na Educação Infantil: entre o dom e a maternidade. **InterMeio: Revista do Programa de Pós Graduação em Educação**, Campo Grande, MS, v. 16, n. 13, jul./dez. 2010.

<sup>1</sup> UFRGS, tatiterragno@gmail.com

<sup>2</sup> UFRGS, lisgba@yahoo.com.br

<sup>3</sup> SMED/POA, ganobre@hotmail.com

<sup>4</sup> SMED/POA, veradiehl13@gmail.com

<sup>5</sup> Prefeitura Municipal de Gravataí, simonesantok@gmail.com

<sup>6</sup> Prefeitura Municipal de Canoas, carolinemaciel78@gmail.com

<sup>7</sup> Prefeitura Municipal de Viamão, tachatavares@gmail.com

4 COSTA, Maraiza Oliveira; BARBOSA, Ivone Garcia. Relação gênero-docência-maternidade e implicações no cotidiano escolar. SEMINÁRIO NACIONAL DE TRABALHO E GÊNERO, 2006, Goiânia. **Anais**. 2006.

5 SILVA, Lisandra Oliveira e. **Os sentidos da escola na atualidade:** narrativas de docentes e de estudantes da Rede Municipal de Porto Alegre. 2012. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano), Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

6 TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente:** elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

7 BEZERRA, Priscilla. **O filho é da mãe?** Fortaleza: Substância, 2017.

8 BRACHT, Valter. A construção do campo acadêmico - Educação Física no período de 1960 até nossos dias: Onde ficou a Educação Física? **Anais**. IV ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA. Belo Horizonte, p.140-148,1996.

9 BEZERRA, Priscilla. Maternidade e os não- lugares da mulher que é mãe. **Revista África e Africanidades**. Ano XI, n. 29, fev. 2019.

10 HOOKS, Bell. **Tudo sobre o amor:** novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2020.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educacao Física, Coletivo Docente, Pandemia

<sup>1</sup> UFRGS, tatiterragno@gmail.com

<sup>2</sup> UFRGS, lisgba@yahoo.com.br

<sup>3</sup> SMED/POA, ganobre@hotmail.com

<sup>4</sup> SMED/POA, veradiehl13@gmail.com

<sup>5</sup> Prefeitura Municipal de Gravataí, simonesantok@gmail.com

<sup>6</sup> Prefeitura Municipal de Canoas, carolinemaciel78@gmail.com

<sup>7</sup> Prefeitura Municipal de Viamão, tachatavares@gmail.com